

VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NA AMÉRICA DO SUL: ARGENTINA E BRASIL (2008 A 2024)

*Violence against journalists in South America:
Argentina and Brazil (2008 to 2024)*

LIZIANE GUAZINA
guazinaliziane@gmail.com
Universidade de Brasília (UnB)

DANIELA RAMOS
dosvald@gmail.com
Universidade de São Paulo (USP)

ÉRICA ANITA BAPTISTA
anitaerica@gmail.com
*Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP) | Instituto Nacional
de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais (INCT-DSI)*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4765-6918>
<https://orcid.org/0000-0001-7687-567X>
<https://orcid.org/0000-0002-3154-3820>

DOI
https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-11_6

Texto recebido em / Text submitted on: 16/04/2025
Texto aprovado em / Text approved on: 01/09/2025

Biblos. Número 11, 2025 • 3.^a Série
pp. 145-168

RESUMO

Este artigo analisa a violência contra jornalistas sob as lideranças populistas de Jair Bolsonaro (Brasil, 2018-2022) e Javier Milei (Argentina, 2023-atual). O objetivo é identificar padrões de ataques e semelhanças nos posicionamentos públicos de ambos os presidentes. A metodologia inclui: 1) revisão da literatura sobre violência contra jornalistas em populismos de extrema direita; 2) análise de relatórios do Foro de Periodismo Argentino (FOPEA) e da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); e 3) quatro entrevistas semiestruturadas com membros de entidades profissionais. Os dados revelam que a violência contra jornalistas é persistente e multifacetada, intensificando-se nos governos Bolsonaro e Milei, com estratégias que descredibilizam a profissão e acentuam a polarização política.

Palavras-chave: Segurança de jornalistas; violência contra jornalistas; populismo; Brasil; Argentina.

ABSTRACT

This article analyzes violence against journalists under the populist leaderships of Jair Bolsonaro (Brazil, 2018-2022) and Javier Milei (Argentina, 2023-present). The objective is to identify patterns of attacks and similarities in the public stances of both presidents. The methodology includes: 1) a literature review on violence against journalists in far-right populisms; 2) analysis of reports from the Foro de Periodismo Argentino (FOPEA) and the Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); and 3) four semi-structured interviews with members of professional entities. The data reveal that violence against journalists is persistent and multifaceted, intensifying under the Bolsonaro and Milei governments, with strategies that discredit the profession and accentuate political polarization.

Keywords: Journalist safety; violence against journalists; populism; Brazil; Argentina.

INTRODUÇÃO

Na campanha presidencial de 2016 nos Estados Unidos, Donald Trump empregou o termo *fake news* como uma estratégia para induzir dissonância cognitiva e descredibilizar o jornalismo profissional (Gutsche, 2018: 8). De forma análoga, Jair Bolsonaro adotou a mesma abordagem em sua campanha presidencial no Brasil em 2018, e um padrão similar foi observado na campanha de Javier Milei para a presidência da Argentina em 2023 (López-López et al., 2025). São lideranças que compartilham afinidades político-ideológicas e estilo comunicativo populista (Guazina, 2021; Rachman, 2022). Trump inaugurou com êxito uma tendência de comunicação política baseada em teorias da conspiração e discurso incivil na esfera pública (Barbati et al., 2024; Sodré, 2021), catapultado pelas plataformas digitais, especialmente o então Twitter (Waisbord et al., 2018). Bolsonaro e Milei avançaram nas suas campanhas a partir dos mesmos princípios, incentivando o sentimento anti-imprensa contra profissionais da mídia não alinhada politicamente.

“Os presidentes autoritários desqualificam para silenciar”¹, publicou o Foro de Periodismo Argentino (FOPEA, 2024a: n.p.) em abril de 2024, como uma nota de desagravo após dois ataques nominais do presidente argentino a jornalistas, um em entrevista a um canal apoiador no YouTube e outro na rede social X. Um dos jornalistas, Fernández Díaz, foi chamado de “estúpido” e “imbecil” porque avaliou, em coluna de opinião no jornal La Nación, o governo de Milei como populismo de direita (La Nacion, 2024: n.p.). As falas foram ao ar no canal “Neura”, de Alejandro Fantino, a quem Milei reserva deferência pelo apoio e divulgação, conforme analisa o professor Santiago Marino (Latam, 2024: n.p.). Milei não citou o nome, mas há inferências que dirigem os ataques a Fernández Díaz que, por sua vez, declarou ao FOPEA considerar o fato como um “programa de ação política” (FOPEA, 2024b: n.p.). O outro ataque, publicado na rede X, dirigiu-se à jornalista Maria Laura Santillán e foi categorizado como discurso estigmatizante machista e misógino, também pelo FOPEA (2024c: n.p.). Com cem

¹ Tradução livre dos autores. No original *Los presidentes autoritarios descalifican para silenciar*.

dias de mandato, 40% dos ataques a jornalistas na Argentina tiveram como origem o presidente Milei.

Levitsky e Ziblatt (2018) enumeraram as quatro principais características dos atores políticos autoritários, indicando que a presença de apenas uma delas já constitui um sinal de alerta para a sociedade. Segundo os autores (2018: 33), políticos que rejeitam as regras do jogo democrático, negam a legitimidade de oponentes, toleram e encorajam a violência, ou ainda dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes, inclusive da mídia, podem se constituir em ameaças concretas à democracia.

Para uma das jornalistas entrevistadas neste trabalho, membro do *Instituto de Prensa y Sociedad del Perú* (associada ao *Voces Del Sur*²), esse contexto de restrição à liberdade de imprensa e ataques constantes por políticos “é uma tendência geral da região”³. Os presidentes latino-americanos são os mais poderosos atores políticos no continente (Inácio e Llanos, 2015), e seus discursos sempre alcançaram uma grande repercussão na esfera pública.

Neste artigo analisamos, de forma exploratória e comparativa, a série histórica (2008-2024) de violências contra jornalistas através dos dados do Foro de Periodismo Argentino (FOPEA), na Argentina, e da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), no Brasil. O objetivo, neste intervalo de tempo, foi identificar se os números aumentaram durante o mandato de lideranças populistas. Para nos aprofundarmos na compreensão dos padrões de ataques a jornalistas e nas possíveis diferenças e semelhanças, mapeamos também a recorrência de tipos de agressão. Assim, a abordagem metodológica contempla revisão da literatura sobre o tema, breve análise dos relatórios de violência contra jornalistas nos dois países, bem como entrevistas semiestruturadas com jornalistas associadas a importantes entidades, como a *Voces del Sur*, *Committee to Protect Journalists* (CPJ), FOPEA e FENAJ. As jornalistas tiveram suas entidades preservadas e serão mencionadas como: E1, E2, E3 e E4.

² Rede de organizações latino-americanas da sociedade civil comprometida com a defesa da liberdade de expressão. Ver <http://vocesdelsur.info>

³ Entrevista realizada por telefone em 25/4/2024.

Historicamente, Brasil e Argentina sob ditaduras militares no século XX, possuem histórico de violência contra jornalistas para além desses períodos; e compartilham histórico de concentração midiática e altos índices de violência de gênero. Ambos os países possuem características comuns: baixa circulação de jornais; imprensa de elite com alinhamentos e orientações políticas frequentemente ligadas aos governos nacionais e locais; agenda de defesa da livre iniciativa; alta desconfiança relativa às instituições políticas; e frequente reação, por parte do empresariado, a propostas de regulamentação da mídia (Albuquerque, 2012; Hallin e Mancini, 2004).

Neste sentido, é importante lembrar do predomínio do mercado no sistema midiático e da persistência de oligopólios surgidos ainda em períodos ditatoriais. TVs e rádios públicas funcionam com estruturas precarizadas e mostram baixo poder de influência no debate público. Esse conjunto de características tem se perpetuado, ainda que a hibridação trazida pelas mídias digitais tenha impactado diretamente as lógicas de produção e consumo de notícias em ambos os países, que hoje possuem sistemas midiáticos híbridos.

É a partir desse pano de fundo complexo que abordamos o contexto argentino e brasileiro; avançamos com construção metodológica da pesquisa, o cotejamento dos relatórios do FOPEA e FENAJ e a análise das entrevistas; e, por fim, discutimos os resultados num esforço de comparação.

CONTEXTO ARGENTINO

A violência contra jornalistas não aparece de uma hora para outra sem que um processo anterior tenha pavimentado a sociedade dando condições para que o fenômeno se espalhe e que uma parte da sociedade não ache errado um presidente da República atacar cotidianamente a imprensa e jornalistas. Galtung (1990), ao desenvolver uma tipologia para a violência, identificou a violência direta, que se apresenta como um evento (os eventos, no nosso caso, aparecem nos relatórios de violência contra jornalistas). A violência estrutural se configura como um processo contínuo, e a violência cultural como uma invariante, cuja essência persiste ao longo do tempo. Assim, podemos compreender este

contexto contemporâneo de ataques como uma violência cultural, que pode ter a expressão de ataques diretos, mas que também é estrutural, e por isso se manifesta sem maiores impedimentos. O passado ditatorial na Argentina, a perseguição à imprensa e jornalistas que faz parte de toda ditadura também foi realidade neste país (Borelli, 2011), e escapa aos objetivos deste trabalho o aprofundamento na comparação ditatorial nos dois países.

Antes de Milei, o cenário já evidenciava agressões a jornalistas por atores da sociedade civil. Em dezembro de 2017, durante o governo de Mauricio Macri, Julio Bazán, repórter do canal Todo Noticia (TN – Grupo Clarín), enquanto cobria ao vivo uma manifestação contra a reforma previdenciária nos arredores do Congresso argentino, foi chamado de “mentiroso” e “filho da puta” pela multidão, além de ter sido agredido fisicamente e ter sido alvo de uma bomba que estourou perto do seu corpo, causando queimaduras no seu rosto (Clarín Redação, 2017: n.p.).

O Grupo Clarín tem um passado de oposição ao peronismo (Sivak, 2013) e se posicionou crítico aos governos de Néstor Kirchner (2003-2007) e Cristina Kirchner (2007-2015). Seus jornalistas eram tidos como “inimigos do povo”. No entanto, em que pesem os episódios de desqualificação de jornais e jornalistas por Néstor e Cristina Kirchner, e seus apoiadores, Javier Milei, eleito em dezembro de 2023, foi quem transformou os ataques em hábito. Antes porém, havia sinais do que depois iria sistematizar. Em 2018, em uma conferência de economia em Salta, atacou a jornalista Teresita Frías quando ela perguntou “Por qué las políticas keynesianas funcionaron en Estados Unidos desde el New Deal en adelante y por qué en Argentina no”. Milei respondeu, em tom exaltado: “Eres una idiota y no sabes nada [...] 2 + 2 son 4; la totalitaria sos vos; no sabés un carajo”⁴ (Stemphelet, 2023: n.p.). Posteriormente, Javier Milei diz-se arrependido e se desculpou publicamente, afirmando que era preciso “maneirar a boca”

⁴ Em tradução livre das autoras: “Por que as políticas keynesianas funcionaram nos Estados Unidos a partir do New Deal e por que não funcionaram na Argentina?”; “Você é uma idiota e não sabe de nada [...] 2 + 2 é igual a 4; você é o totalitário; você não sabe de nada”.

(Canal Urbana Play 104.3 FM⁵). Milei ganhou as primárias das eleições em 2023 nesta cidade.

Milei é protagonista de um roteiro de estigmatização da imprensa, de jornalistas, e de mulheres jornalistas; ataques que são contabilizados pelo FOPEA. A ADEPA também se posicionou sobre a prática em um informe (2024: 4), pontuando que não é saudável o dissenso pelas estratégias do insulto e de argumentos *ad hominem*, dirigidos à pessoa, e não ao tema em debate, e que “(...) não há simetria possível entre um jornalista ou inclusive um meio, por maior que seja, e o dedo estigmatizante de um presidente”.

Em junho de 2024, no dia 27 pela manhã, o FOPEA publicou um comunicado rechaçando o anúncio feito na noite anterior, dia 26 de junho, pelo *Ministerio de Capital Humano* da Argentina, que ressuscitava uma lei extinta em 1985 que exigia uma matrícula governamental obrigatória para o exercício do jornalismo, o que implicaria em um controle maior do Estado sobre o jornalismo e jornalistas, restringindo a liberdade de imprensa no país. O comunicado foi apoiado pela rede *Voces del Sur* (FOPEA, 2024d). No entanto, no dia 27, o governo apagou a notícia. No mesmo dia, Mariano Pérez, um *youtuber* argentino que se autodenomina “libertário” e apoiador de Milei, foi agredido em um protesto da esquerda em frente ao Congresso. Iniciou-se uma estratégia coordenada de ação de alvo de *trolls* e disseminação de desinformação para desacreditar o FOPEA: como a instituição não fez um pronunciamento de apoio ao *youtuber*, circulou um diálogo falso de WhatsApp entre supostos membros da entidade, no qual diziam que não seriam solidários a Pérez. O site do FOPEA sofreu um ataque cibernético.

No dia 28, Milei, na rede X, disse que o “FOPEA es una vergüenza” (“FOPEA é uma vergonha”), escalando o ataque ao jornalismo e jornalistas, e citou uma frase da entrevista com a presidente da associação, Paula Moreno, na Radio Rivadavia, na qual disse que o *youtuber* não era um jornalista

⁵ Vídeo publicado em 30 de agosto de 2023. “Milei agredió verbalmente a una periodista en 2018: Episodio por Hugo Alconada Mon”. Proferimento extraído aos 8’35”. <https://www.youtube.com/watch?v=9x27hiUGI3U>

profissional, mas um militante do governo, por isso não cabia um apoio oficial da entidade: “Prefiero UN MILLÓN de veces tener la credibilidad de la gente que la de los CHORROS del ‘periodismo profesional’”⁶ (Clarín Redação, 2024). Entidades jornalísticas como o Comitê de Proteção a Jornalistas (CPJ) Américas, Fundamedios e IFEX América Latina e Caribe, que congregam cem associações em defesa da liberdade de expressão, se manifestaram em seguida apoiando Paula Moreno e o FOPEA. O episódio demonstrou como o posicionamento rápido da entidade pelo repúdio a uma lei que cercearia a liberdade de imprensa na Argentina aparentemente resultou na desistência da estratégia do governo, ao que se seguiu a atuação de um *youtuber* e uma sequência de ataques aparentemente coordenados, com o reforço de Milei.

Muitos elementos de uso de violência contra jornalistas descritos no contexto argentino recente também são observados no contexto brasileiro, com crescimento de casos registrados a partir das eleições de 2018 (Miranda et al., 2024; Paulino et al., 2023; Christofoletti, 2021).

CONTEXTO BRASILEIRO

A violência contra jornalistas no Brasil não é recente e, historicamente, os ataques têm seus registros mais graves durante a ditadura militar (Jorge, 2020; Kushnir, 2004). Nesse período, a censura, as perseguições, os episódios de tortura e as mortes marcaram o exercício da profissão jornalística (Carvalho, 2013; Carvalho, 2002). Dentre as medidas mais repressivas e danosas para a sociedade, o Ato Institucional nº 5 (AI-5) foi, sem dúvida, a ação mais tirana (Motta, 2018). O AI-5 foi decretado pelo general Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968 e permaneceu em vigor por dez anos, e impôs duras restrições ao exercício do jornalismo.

O período austero da ditadura perdurou até 1985, quando o Brasil iniciou o processo de redemocratização. Para os jornalistas, a violência que

⁶ Em tradução livre dos autores: “Prefiro ter a credibilidade do povo do que a dos LADRÓES do ‘jornalismo profissional’ um milhão de vezes”.

antes se sustentava pelos atos instituídos pelos militares, passou a ser praticada por criminosos quando denunciavam crimes contra os cidadãos e pelas autoridades, pois a prática dos crimes podia estar relacionada a omissões. Carvalho (2002) retoma o massacre na Penitenciária do Carandiru em 1992, quando 111 presos sob custódia do Estado brasileiro foram mortos durante uma operação da polícia; e o massacre de Eldorado dos Carajás, em 1996, envolvendo a morte de 19 trabalhadores rurais sem-terra por forças policiais. Os eventos ilustram a luta contínua por justiça e direitos humanos no Brasil, e o papel dos jornalistas ao trazer esses desafios à tona, mesmo diante dos riscos.

O passivo de violência contra a liberdade de expressão e o livre exercício da imprensa no país tem sido registrado em relatórios oficiais da FENAJ e de outras organizações vinculadas à profissão, como a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), e Artigo 19, associações que integram o Observatório da Violência contra jornalistas no Brasil (MJSP, 2024), além dos sindicatos profissionais da categoria.

Com o crescimento dos movimentos reacionários de direita, sobretudo, impulsionados pelas mídias sociais digitais e seguindo uma onda que vinha sendo observada em outros países, o Brasil entrou em uma espiral de descrédito e desconfiança na imprensa. As chamadas Jornadas de Junho⁷ ocorridas em 2013 são exemplo desse momento em que a “grande mídia” passou a ser colocada em xeque. Vários jornalistas que cobriam as manifestações enfrentaram agressões por parte dos manifestantes e da polícia. O caso de um jornalista que perdeu um olho por ter sido atingido por uma bala de borracha disparada por forças policiais em São Paulo foi emblemático, mas não foi o único na longa história de violência contra profissionais na América Latina⁸.

⁷ As Jornadas de junho de 2013 foram uma série de protestos ocorridos em todo o Brasil. As pautas versavam sobre questões sociais, políticas, corrupção e a insatisfação em relação ao grande investimento que aquela altura era feito no Brasil em função da Copa do Mundo que o país sediaria em 2014.

⁸ O fotógrafo brasileiro Sergio Silva foi atingido por uma bala de borracha disparada pela polícia, e ficou cego do olho esquerdo.

A crise econômica e política no Brasil se asseverava, sobretudo, com o impeachment de Dilma Rousseff (em 2016), se tornando um terreno fértil para o espraiamento das forças políticas conservadoras da extrema-direita. É nesse cenário que Jair Bolsonaro construiu sua imagem e foi eleito em 2018, depois de 30 anos de atuação parlamentar inexpressiva, o que se denomina no país “político de baixo clero”, sob a proposta de uma política conservadora de extrema-direita. Em 26 anos, o então deputado federal apresentou 53 projetos para militares (32%) e 44 para segurança pública (25%), e somente dois foram aprovados (Lindner, 2017). Com sua eleição para a presidência, o país seguiu a agenda da extrema-direita populista, a partir da defesa dos valores conservadores e se valendo de uma retórica da polarização e a construção de um inimigo comum – a esquerda política e a imprensa (Baptista et al., 2022; Araújo e Guazina, 2024).

O sentimento anti-mídia promovido por diferentes grupos forneceu novos elementos à política de silenciamento e hostilidade contra os jornalistas profissionais, sendo incorporado por cidadãos comuns, notadamente os consumidores de conteúdos produzidos por mídias hiper partidárias, embalados em desinformação e propaganda política, avessos à mídia *mainstream*. Jair Bolsonaro desqualifica a chamada “mídia tradicional” desde a sua campanha em 2018. Na ocasião, ele acusava os veículos de mídia que não estavam alinhados ao projeto político de serem propagadores de *fake news* (repetindo Donald Trump em 2016).

No período do governo Bolsonaro (2019-2022), praticamente todas as organizações que monitoram casos de violência contra jornalistas registraram alta no número de ataques e mapearam o papel do então ex-presidente na promoção de hostilidades contra a mídia, especialmente aquela não alinhada politicamente à sua agenda ideológica e interesses partidários.

Christofoletti (2021) mostra que desde o início, o governo Bolsonaro ficou marcado por relações tensas e conflitivas com a imprensa. Este tipo de comportamento também foi reproduzido em diferentes instâncias de governo, instituições governamentais e até mesmo por advogados e filhos do ex-Presidente, além de apoiadores dentro e fora do ambiente digital bolsonarista. Ficou célebre, por exemplo, a instituição do chamado “Cercadinho do Planalto”,

onde repórteres ficavam presos à espera de informações oficiais da Presidência da República, e muitas vezes sendo hostilizados por grupos de apoiadores, o que levou a tomada de medidas de segurança por parte dos profissionais e das empresas jornalísticas (Abreu, 2022). Também houve monitoramento de redes sociais de jornalistas por parte do governo federal, constituindo uma política de governo de promoção de hostilidades, com uso do aparato estatal.

Além disso, ficaram notórios os casos de ameaças e intimidação a jornalistas mulheres, como a jornalista da Folha de S. Paulo, Patrícia Mello, em 2020, que relatou seu caso no livro *A Máquina do Ódio* (2020), e o das jornalistas Vera Magalhães e Daniela Lima (Guazina et al., 2023), que sofreram ameaças publicamente. Miranda et al. (2024) lembram um dado alarmante: o Brasil figura entre os 40 países mais perigosos para mulheres jornalistas, de acordo com relatório do Repórteres sem Fronteiras (2022).

De acordo com a FENAJ, o período do governo Bolsonaro, entre 2019 e 2022, foi caracterizado pela “institucionalização da violência contra jornalistas, por meio da Presidência da República, com a prática sistemática de descredibilizar a imprensa e atacar seus profissionais” (FENAJ, 2022: 4). Desde então, os relatórios da entidade e de outras organizações têm mostrado mudanças positivas, inclusive com o movimento de desinstitucionalização dos ataques, mas o ambiente de hostilidades permanece em alguns setores políticos.

ANÁLISE DOS RELATÓRIOS FOPEA E FENAJ

Como ponto de partida do estudo, relacionamos os dados de ataques a jornalistas dos relatórios dos anos de 2008 a 2024 do FOPEA e da FENAJ. Os relatórios se justificam por sua longevidade e recorrência (casos reportados anualmente no mínimo desde 2008), a tipologia em comum (tipos de caso, agressor, meio e vítima) e a semelhança metodológica. Apesar do FOPEA não ser associado a sindicatos da categoria, como é o caso da FENAJ, recorre também a denúncias espontâneas, como é o caso no Brasil, para os sindicatos regionais. Na Argentina (Fig. 1), os casos de violência aumentaram durante o governo de Cristina Kirchner. Em 2013, quando a série histórica registrou o maior número, ocorreram eleições presidenciais e Kirchner foi reeleita.

Os anos de 2013 a 2015 foram marcados por muitos protestos relativos ao desempenho econômico do país e escândalos de corrupção. Por outro lado, no período houve avanços em projetos de lei em defesa da liberdade de expressão no país. No período observado, Javier Milei saiu de um cenário de campanha, em 2023, e os dados compilam, em 2024, seu primeiro ano de governo.

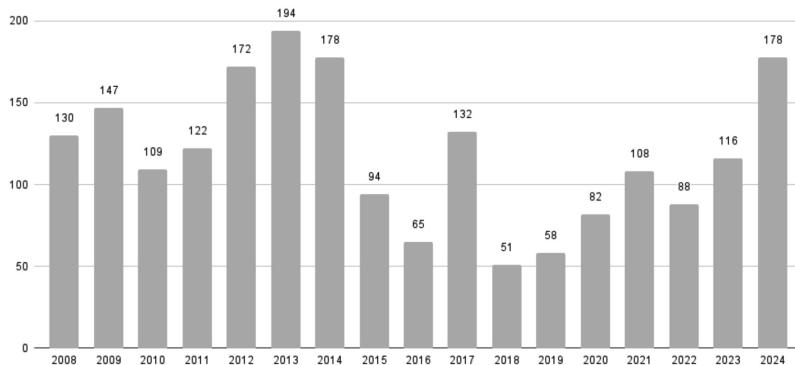


Fig. 1 – Casos de agressão a jornalistas por ano – série histórica da Argentina (2008 a 2024).

Fonte: Autores com dados do FOPEA.

Já no caso brasileiro (Fig. 2), o aumento do número de ataques tem relação direta com o governo Bolsonaro, com altos índices entre 2019 e 2022. Até aquele momento, o maior número tinha sido registrado em 2013, em função das Jornadas de Junho.

Violência contra jornalistas na América do Sul: Argentina e Brasil (2008 a 2024)

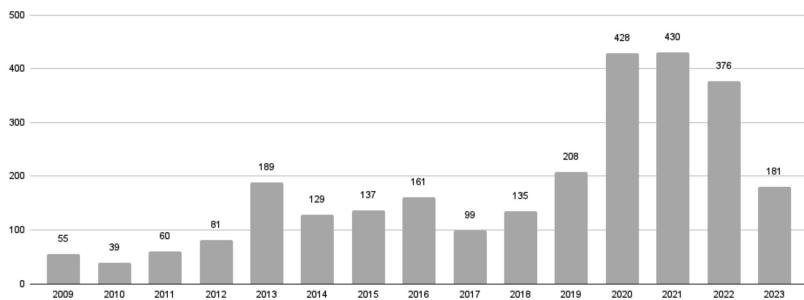


Fig. 2 – Casos de agressão a jornalistas por ano – série histórica do Brasil (2009 a 2023).

Fonte: Autores com dados da FENAJ.

Na Fig. 3 observa-se que os números de casos seguem tendencialmente valores próximos, com pico em 2013 para ambos os países. No entanto, os números crescem exponencialmente no caso brasileiro, demonstrando o impacto direto da institucionalização da violência durante o governo Bolsonaro.

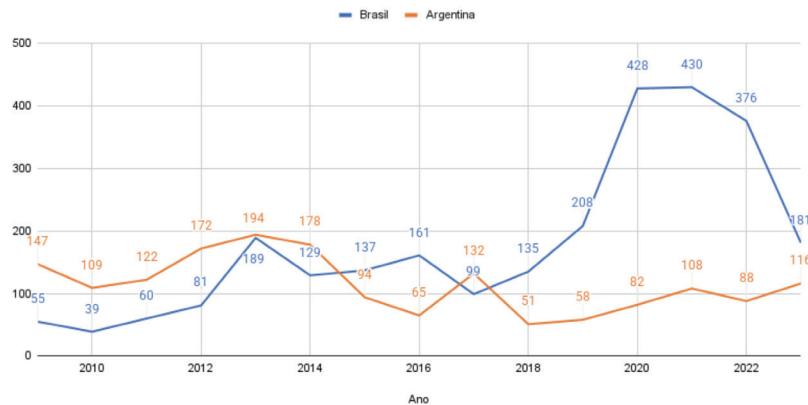


Fig. 3 – Casos série histórica comparada – Argentina e Brasil.

Fonte: Autores com dados da FENAJ e FOPEA.

Ainda que não se possa sobrepor a mesma tipologia de casos de violência nos relatórios do FOPEA e da FENAJ em virtude de diferenças metodológicas, observamos as similaridades e diferenças nos tipos de casos de violências cometidas contra os jornalistas nos dois países. Na Fig. 4 identificam-se agressões físicas e psíquicas, presentes em todo o período monitorado pelo FOPEA, com números notadamente altos entre 2017 e 2022. Vemos aqui a expressão clara da violência direta (Galtung, 1990). Em 2024, já no governo de Milei, a porcentagem das agressões físicas e psíquicas, o uso abusivo do poder estatal e a restrição ao acesso à informação pública se tornaram novamente um problema na Argentina. Nesse sentido, Milei aciona uma camada de violência estrutural, consolidada como cultural (Galtung, 1990) contra jornalistas, que já se manifestava no período Kirchner (2007-2015).

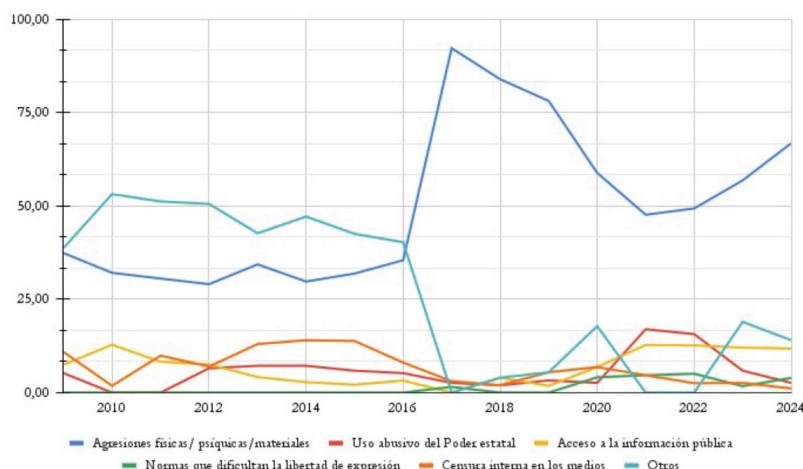


Fig. 4 – Tipos de agressões cometidas contra jornalistas na Argentina (%).

Fonte: Autores com dados do FOPEA.

Já no caso brasileiro, a Fig. 5 evidencia que as agressões físicas e verbais se destacaram em 2013, período das Jornadas de Junho (quando a tipificação foi acrescida da categoria “agressões físicas durante manifestações”), e outros tipos como as ameaças e impedimentos ao exercício profissional ascenderam a partir de 2014.

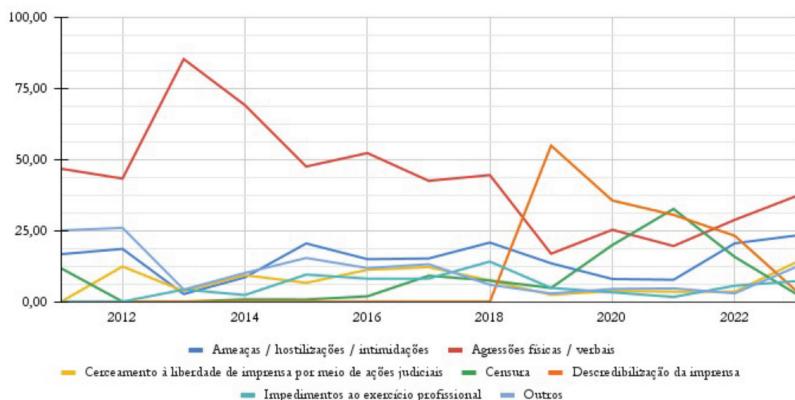


Fig. 5 – Tipos de agressões cometidas contra jornalistas no Brasil (%).

Fonte: Autores com dados da FENAJ.

As agressões físicas e verbais reduziram nos anos seguintes, porém, outros tipos se tornaram mais proeminentes, como a censura, e a partir de 2018 uma nova tipificação foi criada: descredibilização da imprensa. Tal forma se tornou um tipo frequente de agressão ao trabalho dos profissionais de imprensa ainda no cenário da disputa eleitoral de 2018, especialmente orientada pelo então candidato Jair Bolsonaro. Neste caso, há uma constante de violência direta com base na violência estrutural, que se manifesta como violência cultural (Galtung, 1990).

ENTREVISTAS: PERCEPÇÕES DAS LIDERANÇAS DAS ENTIDADES

Como mencionado, foram entrevistadas quatro jornalistas e integrantes de importantes entidades da classe: Voces del Sur, Committee to Protect Journalists (CPJ), FOPEA e FENAJ.

| | |
|----------------------|---|
| Entrevistada 01 = E1 | Membro da entidade Voces del Sur (VDS) - organização que reúne entidades civis da América Latina para promover a liberdade de imprensa na região, bem como a segurança e proteção de jornalistas. Também integra o Instituto Prensa y Sociedad (IPYS) que tem sede no Peru. |
| Entrevistada 02 = E2 | Tem uma carreira diversificada, passando por grandes veículos de comunicação e também atuando no Comitê de proteção de Jornalistas. Tem mais de 30 anos de experiência. |
| Entrevistada 03 = E3 | Membro da FOPEA (Foro de Periodismo Argentino) há mais de dez anos, com experiência em rádio, televisão e mídia digital. É docente de jornalismo e redação jornalística. |
| Entrevistada 04 = E4 | Membro da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas). É graduada em jornalismo e tem experiência em redação, reportagem, subeditoria de economia. |

Tabela 1 – Perfil das jornalistas entrevistadas.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas por telefone e por videoconferência entre os meses de abril e maio de 2024, de forma individualizada pelas autoras deste trabalho. Todas as entrevistas seguiram o mesmo roteiro de perguntas e as entrevistadas assinaram termo de consentimento para uso acadêmico das respostas. Os conteúdos foram organizados por temática: a) identificação dos ataques; b) impactos profissionais da violência sofrida; e c) soluções propostas para se enfrentar a violência contra os jornalistas em um ambiente político radicalizado e propício ao uso estratégico de ataques por parte de lideranças políticas.

A) IDENTIFICAÇÃO DOS ATAQUES

Entre os tipos de ataques identificados pelas entrevistadas no caso argentino, destacam-se ataques diretos e agressivos contra jornalistas por parte de Milei, demonstrando o uso do poder para intimidar e deslegitimar a imprensa. Uma

das entrevistadas também menciona o compartilhamento de informações falsas e não verificadas para atacar jornalistas, além de tentativas de controlar a cobertura jornalística. Destaca a estratégia de descredibilização da profissão, aspecto comum às estratégias de populistas radicais de direita:

Atacar a credibilidade é atacar o coração da profissão. A verdade é que estamos muito preocupados porque entendemos que os caminhos deles não são adequados, que existe uma relação muito assimétrica. É uma relação de poder muito diferente entre o presidente e um jornalista. Não importa que ele seja um jornalista de destaque, com bons acessos, muito exposto, ele ainda é jornalista, ainda é cidadão.

(E4, 2024)

De forma mais ampla:

Em relação à nossa profissão, vejo uma situação muito dolorosa em toda a América Latina. Participamos de diversas organizações que trabalham com direitos humanos e a liberdade de expressão, que é o nosso campo. E a verdade é que temos um cenário muito complicado no México, Guatemala, Nicarágua, El Salvador.

(E3, 2024)

Por outro lado, atualmente há uma personalização dos ataques, realizados diretamente pela figura do Presidente Milei a determinados jornalistas:

Durante o Kirchnerismo sempre houve uma situação de grande tensão com o jornalismo. A verdade é que tivemos diferentes expressões particulares com o kirchnerismo porque houve situações muito dolorosas para o jornalismo naquela época, inclusive com o uso da pauta da publicidade, com censuras e escraches, com discursos muito estigmatizantes. A diferença agora nestes cinco meses de gestão de Milei é que ele pessoalmente tem assumido uma abordagem muito agressiva em relação ao jornalismo, e em relação a alguns jornalistas em particular. Generaliza e qualifica o jornalismo com termos

muito sérios, ou seja, “ensobrados” – (que) na Argentina, é sinônimo de corrupto. Ele gera uma mensagem falsa.

(E3, 2024)

Em relação ao caso brasileiro, outra entrevistada relatou uma ocorrência de pressão e censura direta por parte de um governo local, que exigiu uma retratação de uma reportagem que havia desagradado este governo. Ela mencionou que a violência política se manifesta no ambiente de trabalho, com colegas duvidando e questionando a capacidade de jornalistas mulheres.

Ainda sobre o Brasil, outra entrevistada enfatizou o uso estratégico das redes sociais pela extrema-direita para disseminar discursos de ódio e atacar jornalistas. Ela destacou a capacidade da extrema-direita de manipular a opinião pública, incitar a violência contra a imprensa – principalmente direcionadas a mulheres jornalistas – e hostilizar jornalistas locais em eventos, como as enchentes no Rio Grande do Sul em 2024; atacar a liberdade de imprensa e tentar deslegitimar o trabalho jornalístico por parte de figuras políticas e seus seguidores, ameaçar e praticar violência física, incluindo o assassinato do jornalista britânico Dom Phillips. Ela afirmou:

[...] o ataque às mulheres inclui atributos físicos, por exemplo, o que no caso dos homens não acontece, então chamar jornalista de gorda, no caso da Basília, de macaca ou de... o seu cabelo é feio.

(E2, 2024)

Também na Argentina, a violência de gênero é uma realidade preocupante, especialmente no início do governo Milei⁹, como destaca uma entrevistada:

De Milei há uma dedicação especial em criticar as mulheres, que são várias. Nos últimos tempos foram María Laura Santillán, jornalista do La Nación

⁹ Um exemplo é o ataque contra a jornalista María O'Donnell em 2024. https://www.clarin.com/politica/javier-milei-acuso-mentirosa-maria-odonnell-periodista-respondio_0_aJpU5qeZGv.html

Masi e da Infobae, Romina Mangel, jornalista da Radio con Voz, María O'Donnell, Silvia Mercado, chamando-as de mentirosas, por exemplo. O que María fez também foi responder a ele, ela disse a ele, “presidente, eu não menti”, e ela mostrou a ele porque ele tinha mentido, e ele continuou insistindo. Nunca se retratou, certo? Existem vários casos e principalmente no caso de mulheres.

(E2, 2024)

Neste sentido, uma entrevistada afirmou que foram justamente casos ocorridos no Brasil que sinalizaram para o fato de que podem ocorrer agressões muito específicas, isto é, direcionadas a determinados jornalistas, em uma espécie de discurso estigmatizante:

São discursos estigmatizantes que são sistemáticos e calam a cidadania de uma maneira muito poderosa; o desprestígio sobre a imprensa é muito grande. [...] O discurso estigmatizante funciona; e por outro lado os meios também não respeitam seus códigos de ética. Há precariedade do trabalho jornalístico e crise econômica e uma série de variáveis que contribuem para que estes políticos façam este tipo de coisa.

(E1, 2024)

De modo geral, as entrevistadas apontaram para o uso de estratégias como a descredibilização da profissão, uso de discursos estigmatizantes, ataques direcionados via rede social e violência de gênero. Este uso não se restringe às figuras de Bolsonaro e Milei, mas se intensificaram em seus primeiros anos de governo, com discursos anti-*establishment* e com a polarização.

B) IMPACTOS PROFISSIONAIS DA VIOLÊNCIA SOFRIDA

As entrevistadas destacaram uma série de impactos na vida profissional em função da violência, a preocupação com a segurança dos jornalistas e o risco de ataques físicos e digitais. Entre os aspectos mencionados, estão: a) dificuldade

em realizar o trabalho jornalístico por restrições e hostilidade; b) autocensura e medo de criticar o governo e figuras políticas; c) polarização dentro da profissão; d) perda de credibilidade do jornalismo perante a sociedade; e) a criação de um ambiente de trabalho hostil e desmotivador para as mulheres jornalistas; além f) do medo de denunciar casos de violência devido à falta de apoio e canais adequados.

Por outro lado, apontaram a naturalização da violência como parte do trabalho jornalístico, dificultando a identificação e o combate a essas práticas.

C) SOLUÇÕES PROPOSTAS PARA SE ENFRENTAR A VIOLÊNCIA CONTRA OS JORNALISTAS

A partir das experiências vividas durante suas carreiras e da liderança de organizações em prol da liberdade de expressão, de imprensa e dos direitos humanos, as entrevistadas sugeriram alguns caminhos para o enfrentamento da violência contra jornalistas, especialmente envolvendo autoridades ou figuras públicas. Os apontamentos constituem uma agenda comum propositiva de combate ao uso político dos vários tipos de violência como instrumento estratégico muito comum entre populistas autoritários:

- a) Fortalecer o jornalismo investigativo, combater a violência e a desinformação;
- b) Promover a educação midiática e fortalecer a sociedade civil;
- c) Responsabilizar figuras públicas e plataformas de mídia social, buscando medidas legais contra agressores e difamadores;
- d) Trabalhar em conjunto com outras organizações para monitorar e denunciar ataques à liberdade de imprensa;
- e) Promover a autocritica e a melhoria das práticas jornalísticas;
- f) Desenvolver protocolos de segurança para jornalistas, como medida para proteger os profissionais da área da violência praticada por governantes e outros atores;
- g) Fortalecer a organização e a representação da categoria jornalística por meio de sindicatos e federações.

CONCLUSÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos analisar, de forma exploratória e comparativa, os padrões de ataques a jornalistas nos contextos brasileiro e argentino, a partir de uma abordagem multimétodos que levou em conta uma breve contextualização sobre o tema violência contra jornalistas no contexto de emergência dos populismos de extrema direita; a análise dos relatórios de violência contra jornalistas nos dois países publicados pelo FOPEA, na Argentina, e FENAJ, no Brasil; e a realização de quatro entrevistas com profissionais que militam pela liberdade de imprensa e pelos direitos dos jornalistas em ambos os países.

A partir dos dados, observamos que a violência contra jornalistas é uma prática permanente ao longo do tempo, que se desdobra em diferentes tipos de ataques, agressões e ameaças, com características de violência direta (ataques tipificados nos relatórios), estrutural e cultural. No caso argentino, o maior número de casos ocorreu no governo de Cristina Kirchner, e no caso brasileiro, durante o governo Bolsonaro. No entanto, os dados do FOPEA de 2024 mostram que no primeiro ano do governo Milei houve apropriação política do discurso *anti-establishment* de modo semelhante ao que ocorreu no governo Bolsonaro.

As entrevistadas mostram o uso de estratégias comuns a esses personagens alinhados com elementos populistas autoritários, tais como a descredibilização da profissão, uso de discursos estigmatizantes, ataques direcionados via rede social e violência de gênero. Este uso não se restringe às figuras de Bolsonaro e Milei, mas se intensificaram em seus primeiros anos de governo, pois eles se beneficiam da polarização para mobilizar apoiadores e influenciar a agenda pública com seus enquadramentos.

Por outro lado, as entrevistadas destacaram os impactos da violência nas rotinas profissionais, especialmente a autocensura e o medo de criticar governos, a dificuldade em realizar o trabalho jornalístico devido às restrições e à hostilidade, e a polarização dentro da profissão, com ataques e questionamentos entre os próprios jornalistas, inclusive o apoio de profissionais a governos autoritários, e, enfim, a perda de credibilidade do jornalismo perante a sociedade.

Por fim, as jornalistas enumeraram uma agenda comum de iniciativas que apontam para o fortalecimento do jornalismo investigativo e das organizações profissionais que defendem os direitos dos jornalistas, a educação

midiática e a responsabilização de plataformas digitais e figuras públicas que se utilizam da violência para a disputa política.

Ainda que de forma limitada, esses primeiros achados mostram a importância do papel das entidades no acompanhamento e registro dos casos de violência, assim como no enfrentamento direto das principais estratégias de descredibilização de jornalistas e do próprio jornalismo por parte de populistas autoritários, tanto na Argentina quanto no Brasil. Podemos concluir que o conjunto de dados aponta para um grave problema de segurança ocupacional conforme o modelo de análise de segurança de jornalistas de Slavtcheva-Petkova et al. (2023: 1214), afetando as dimensões física, psicológica, digital e financeira dos jornalistas nestes dois países.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, Tatiana (2022). Cercadinho do Alvorada: uma ameaça ao ethos do jornalista e à liberdade de imprensa. *Revista Miguel*, 6. DOI 10.17771/PUCRio.MIGUEL.59455.
- ADEPA (2024, March 20). 84^a Junta de Directores Informe de la Comisión de Libertad de Prensa e Información. <https://adepa.org.ar/wp-content/uploads/2024/03/184%C2%BD-0-Junta-de-Directores-2024.pdf>
- Albuquerque, Afonso (2012). On Models and Margins: Comparative Media Models Viewed from a Brazilian Perspective. In Daniel C. Hallin, e Paolo Mancini (Orgs), *Comparing Media Systems Beyond Western World* (72-95). Cambridge: Cambridge University Press.
- Baptista, Érica Anita; Hauber, Gabriela; e Orlandini, Maiara (2022). Despolitização e populismo. *Media & Jornalismo*, 22, 105-119.
- Barbati, Juliana; Rains, Stephen; Kenski, Kate; Shmargad, Yotam; Bethard, Steven; e Coe, Kevin (2024). Examining the Dynamics of Uncivil Discourse Between Sub-National Political Officials and the Public on Twitter. *Mass Communication and Society*, 28, 1, 154-173. <https://doi.org/10.1080/15205436.2024.2313095>
- Borelli, Marcello (2011). Voces y silencios. La prensa argentina durante la dictadura militar (1976-1983). *Perspectivas de la comunicación*, 4, 1, 24-41.
- Carvalho, Julia (2013). *Amordaçados: uma história de censura e de seus personagens*. Barueri-SP: Manole.
- Carvalho, José M. (2002). *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Clarín Redação (2017, December 18). Reforma previsional: brutal agresión al periodista de TN
Julio Bazán. *El Clarín*. https://www.clarin.com/politica/reforma-previsional-brutal-agresion-periodista-tn-julio-bazan_0_By9lbnBfz.html
- Clarín Redação (2024, June 28). El presidente Javier Milei atacó al Foro de Periodismo Argentino
y escala la pelea del gobierno contra los periodistas. *El Clarín*. <https://shre.ink/tSZ1>
- Christofoletti, Rogério (2021, May). Violência de Estado contra jornalistas: impactos práticos e
éticos das perseguições do governo Bolsonaro. *Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores
em Jornalismo*, Brasil.
- FOPEA (2024a, April 10). Los presidentes autoritarios descalifican para silenciar. <https://fopea.org/los-presidentes-autoritarios-descalifican-para-silenciar/>
- FOPEA (2024b, April 16). El presidente de la Nación descalifica a Jorge Fernández Díaz, definiéndolo como imbécil y bruto. <https://shre.ink/tSZ9>
- FOPEA (2024c, April 16). El presidente de la Nación ataca a María Laura Santillán, acusándola
de operadora y haciendo un comentario misógino. <https://shre.ink/tSZa>
- FOPEA (2024d, June 28). Así fue el ataque a FOPEA. <https://fopea.org/asi-fue-el-ataque-a-fopea/>
- Galtung, Johan (1990). Cultural Violence. *Journal of Peace Research*, 27, 3, 291-305.
- Guazina, Liziane (2021). Populismos de direita e autoritarismos: apontamentos teóricos para
estudos sobre a Comunicação Populista. *Mediapolis*, Coimbra, 12, 49-65.
- Guazina, Liziane; Sousa-Silva, Mara Karina; Santos, Ébida; Carvalho, Mariana Martins; e
Schiaffarino, Julia (2023). Análise exploratória da comunicação do governo federal a partir de três
princípios da comunicação pública. In T. Jorge, *Desinformação o mal do século: distorções,
inverdades, fake news: a democracia ameaçada* (246-273). Brasília: STF/UnB.
- Gutsche, Robert (Ed.) (2018). *The Trump Presidency, Journalism, and Democracy*. New York: Routledge.
- Hallin, Daniel e Mancini, Paolo (2004). *Comparing media systems: three models of media and
politics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Inácio, Magna e Llanos, Mariana (2015). The Institutional Presidency from a Comparative Perspective:
Argentina and Brazil since the 1980s. *Brazilian Political Science Review*, 9, 1, 39-64.
- Kushnir, Beatriz (2004). *Cães de Guarda: Jornalistas e Censores, do AI-5 à Constituição de 1988*.
São Paulo: Boitempo Editorial.
- La Nación (2024, April 13). La filosa crítica de Jaime Bayly a Milei por sus ataques a periodistas.
<https://www.lanacion.com.ar/politica/la-filosa-critica-de-jaimie-bayly-a-milei-por-sus-ataques-a-periodistas-nid13042024/>
- Latam Journalism Review (2024, January, 16). 'O problema de Milei é com os jornalistas, não com a
imprensa em si': 5 perguntas para o pesquisador argentino Santiago Marino. <https://abre.ai/jY3d>

- Levitsky, Steven e Ziblatt, Daniel (2018). *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Lindner, Julia (2017, July 23). Bolsonaro aprova dois projetos em 26 anos de Congresso. *O Estado de S. Paulo*. <https://shre.ink/tSi4>
- López-López, Paulo Carlos; Pereira-López, María; Jaráiz-Gulías, Erika; e Lagares-Díez, Nieves (2025). Explanatory factors for the dissemination and control of fake news in the Latin American context. *Humanit Soc Sci Commun*, 12, 741. <https://doi.org/10.1057/s41599-025-05100-7>
- MJSP (2024, November, 6). Observatório da Violência contra Jornalistas mobiliza empresas e profissionais para denúncia de violência online e offline. <https://shre.ink/tSij>
- Motta, Rodrigo P. (2018). Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5. *Revista Brasileira de História*, 38, 79, 195-216.
- Paulino, Fernando; Valente, Jonas; Guazina, Liziane; Urupá, Marcos; e de Carvalho, Mariana M. (2022). Políticas de Comunicação no Brasil: Uma visão geral dos dois primeiros anos do governo Jair Bolsonaro. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura*, 24, 2, 115-134.
- Rachman, Gideon (2022). The age of the strong man. How the cult of the leader threatens democracy around the world. Great Britain: Penguin Random House UK.
- RSF (2023, December). La agresividad de Javier Milei hacia la prensa es una señal de alerta: RSF seguirá de cerca el mandato del nuevo presidente argentino. <https://rsf.org/es/la-agresividad-de-javier-milei-hacia-la-prensa-es-una-se%C3%B1al-de-alerta-rsf-seguir%C3%A1-de-cerca-el>
- Sivak, Martín (2013). *Clarín, el gran diario argentino: Una historia*. Buenos Aires: Editora Planeta.
- Sodré, Muniz (2021). *A sociedade incivil: Mídia, iliberalismo e finanças*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Slavtcheva-Petkova, Vera; Ramaprasad, Jyotika; Springer, Nina; Hughes, Sallie; Hanitzsch, Thomas; Basyouni, Abit; e Steindl, Nina (2023). Conceptualizing Journalists' Safety around the Globe. *Digital Journalism*, 11, 7, 1211-1229. <https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2162429>
- Stemphelet, Ariel (2023, August 30). Cómo vive hoy la periodista salteña maltratada por Javier Milei en 2018 a quien le tuvo que pedir disculpas. <https://shre.ink/tSiO>
- Waisbord, Silvio; Tucker, Tina; e Lichtenheld, Zoey (2018). Trump and the great disruption in public communication. In P. Boczkowski e Z. Papacharissi (Eds.), *Trump and the media* (25-32). Massachusetts: The MIT Press.